

# CONSUMIDOR RS

## SmartVida

Artigo do doutorando em Psicanálise, Educação e Saúde, Domicio Brasiliense



Vamos encarar a verdade? Sempre tivemos dificuldade em viver a vida e, por isto, de uma ou outra forma, nos escondemos dos nossos medos por detrás de pessoas, grupos e papéis sociais. O smartphone tem denunciado essa nossa incapacidade.

Estudar, trabalhar, casar e ter filhos pode ser sinal de uma vida de realizações, mas, por outro lado, pode significar a ratificação de uma zona de conforto que se identifica com o esperado pelos valores culturais vigentes. Quem, afinal, questionaria alguém por estar estudando ou constituindo família? No entanto, por que não nos perguntamos se essas e outras atitudes propiciam a felicidade? Porque temos a tendência ao conformismo e comodismo social, numa sequência de repetições comportamentais, assimilando,

inconscientemente, valores e costumes.

A tecnologia tem nos vendido a rapidez de informações com a promessa de satisfação, fazendo com que nos percebamos incluídos numa vida que flui de forma acelerada. Desta forma, estarmos conectados através de smartphones significa estarmos conectados com as coisas da vida, acompanhando e partilhando quase tudo o que acontece nos grupos aos quais pertencemos, dando a ideia de contato afetivo.

Contudo, é justamente da afetividade que estamos abrindo mão por não conseguirmos viver os momentos do dia a dia. Quando utilizamos os smartphones para ver e-mails, fotografar, filmar e partilhar nas redes sociais, muitos processos psicológicos estão acontecendo. Dentre eles, a vontade de eternizar aquela ocasião que parece sugerir felicidade, por isto a necessidade do registro como um antídoto para futuros sofrimentos. Mas, também pode representar a nossa insatisfação em relação ao local ou as pessoas com quem estamos, obtendo um modo de contemporizar esse desconforto.

Parece que denunciemos a nossa incapacidade de viver os momentos da vida, como se eles fossem fugazes, por isto a ânsia em registrá-los. De outra forma, o tempo que nos dedicamos aos smartphones faz com que renunciemos de estar, de forma integral, com os nossos conhecidos, amigos e familiares. Resta saber, se isto representa dificuldades pessoais que precisam ser revistas ou se estamos indo de roldão, cedendo à pressão do mundo tecnológico e capitalista que o compõe, em detrimento de viver de forma mais satisfatória e realizadora a nossa existência.

Tentamos entender a vida e a nós mesmos para que nos realizemos através da sensação de pertencimento e reconhecimento. À vista disso, possuir muitos amigos no Facebook, postar fotos e vídeos sorrindo com outras pessoas e tuitar, pode nos iludir com falsas sensações de realização. Deste modo, justifica-se o aumento significativo da drogadição e da depressão na juventude, como também outros tipos de transtornos mentais, pois denotam o nosso equívoco do que seja viver a vida para que consigamos alcançar o bem-estar.

No vazio afetivo, temos dado espaço para as ilusões de felicidade, e o recurso touch tem sido a nossa atitude compulsiva pela busca de emoções que preencham esse local. Contudo, nada nunca irá substituir o estar junto através de um olhar, de um abraço ou de um afago, bem como de competências como ser aceito e aceitar, ser reconhecido e reconhecer o outro, mesmo que estejamos solitários.

Parece que precisamos nos preparar para mais um problema social: a nomofobia (nome recente – originado da expressão, em inglês, "no mobile" - que designa o desconforto ou a angústia causados pela impossibilidade momentânea de comunicação através de aparelhos celulares ou computadores). Infelizmente, mais uma vez, estaremos nos preocupando com as consequências em detrimento da causa: nossa dificuldade em entender o que seja viver a vida.

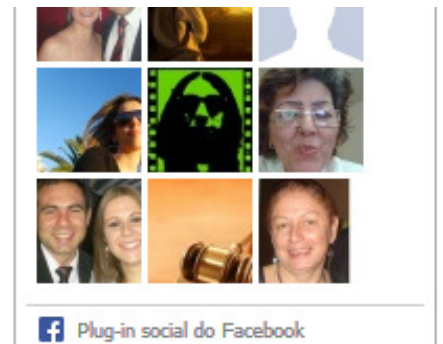
\*Doutorando em Psicanálise, Educação e Saúde;  
Pós-Graduado em Psicologia Transpessoal pela Associação Luso Brasileira de Transpessoal – ALUBRAT/RS;  
Especialista em Terapia Familiar e de Casal e Graduado em Pedagogia pela FAPA/RS – Faculdade Porto-Alegrense de Educação Ciências e Letras;  
Psicoterapeuta Transpessoal, Autor do livro O Encontro de Eus – Um caminho... Uma vida diferente.

Domicio utiliza de sua facilidade de empatia, compreensão e impulso com o ser humano para realizar um trabalho que vem conquistando o público e os leitores.

Há 23 anos dedica-se à área da Educação e Recursos Humanos, sendo 15 anos como Professor e Orientador Educacional, 15 anos como Terapeuta Familiar e como Psicoterapeuta Transpessoal com atendimentos individuais e em grupo.

Realiza palestras nas áreas de Filosofia, Psicologia e Sociologia da Educação; Orientação e Carreira Profissional; Interrelações na Sociedade; Relações Interpessoais no Trabalho; Violência nos Ambientes Escolares e do Trabalho.

Fonte: Amorim Comunicação  
Autor: Domicio Brasiliense

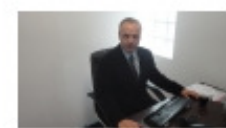


## ARTIGOS



**SmartVida**  
Artigo do doutorando em Psicanálise, Educação e

Saúde, Domicio Brasiliense



**Causar**

**constrangimento ao devedor é crime**

Artigo do advogado especializado em Direito Empresarial, Administrativo, Societário, Público, Civil e Constitucional, Ricardo Martins Limongi

[leia mais artigos...](#)

## TURISMO



**Hotel Villa Michelin na serra do RS**  
Para o sucesso de um evento

corporativo, um verdadeiro complexo no Vale dos Vinhedos



**Último final de semana com tarifas especiais no Ecoland**

Com 153 hectares de mata nativa, sendo 10 de área construída, é um refúgio junto à natureza

[leia mais turismo...](#)

BUSCA